



MISSÃO INCULTURADA NA CIDADE: O PERCURSO DO SÍNODO DIOCESANO DA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ

(Incultured mission in the city:
the Diocese of Santo André's diocesan synod route)

Luciano José Dias

Pós-graduado em Cultura Judaico-Cristã, História e Teologia e em Práticas Pedagógicas em Ensino Religioso pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI/SP)

Graduado em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP/SP)

E-mail: lucianojdias@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo desenvolver uma breve análise sobre o Sínodo Diocesano, orquestrado e vivido pela Igreja particular de Santo André, no ABC Paulista, no período de 2016-2017. Ele reflete o significado e a importância de um Sínodo dentro de uma Igreja tipicamente urbana, seus desafios e suas urgências, suas inspirações e finalidades; seu lema, “o sonho missionário de chegar a todos”, o sonho salvífico de Deus, que para isso se encarna na realidade humana, inculturando-se em uma determinada cultura.

Palavras-chave: Sínodo Diocesano; Missão; Sonho Missionário.

ABSTRACT

The purpose of this article is to develop a brief analysis of the Diocesan Synod, orchestrated and lived by the particular Church of Santo André, at ABC Paulista, in the period 2016-2017, reflecting the meaning and importance of a Synod within a typically urban Church, its challenges and its urgencies, its inspirations and purposes; its lemma, "the missionary dream of reaching all," the salvific dream of God, who got incarnated in the human reality, inculturating itself in a certain culture.

Keywords: Diocesan Synod; Mission; Missionary dream.

INTRODUÇÃO

O Sínodo Diocesano é o instrumento por excelência para auxiliar na determinação e organização canônica e pastoral da Igreja diocesana (cf. cân. 460), e a diocese de Santo André, ao convocar seu sínodo, manifesta sua vontade de caminhar unida à toda a comunidade eclesial, reconhecendo e acolhendo toda a multiplicidade nela contida, formando um só corpo,¹ definido pelo Concílio Vaticano II como Corpo de Cristo e Povo de Deus (cf. LG 7 e 9).

1 SÍNODO DIOCESANO. “O sonho missionário de chegar a todos”. Guia de leitura 1. Santo André, 2017, p. 5.



A convocação do Sínodo se deu pelo Bispo Diocesano Dom Pedro Carlos Cipollini no encerramento do Ano Santo Extraordinário da Misericórdia, no dia 13 de novembro de 2016.² Na ocasião, foi apresentado o Decreto de Convocação do Sínodo Diocesano, tendo associado a si os membros sinodais. A abertura do Sínodo, juntamente com a 1ª Sessão Sinodal Geral aconteceu no mesmo dia já citado acima, no Externato Santo Antônio em São Caetano do Sul, uma das 7 cidades que compõe a Diocese de Santo André.

O PERCURSO DO SÍNODO DIOCESANO DA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ

Mas, a pergunta que muitos se fazem, e estão também fazendo a outros, é: o que é um Sínodo? A palavra “Sínodo” tem origem no grego ‘*sin-hodos*’ “*synodos*” e significa: caminho feito com os mesmos pés, isto é, em conjunto³. Foi traduzida para o latim como “*concilium*”, que quer dizer: assembleia, que reúne sacerdotes, leigos e consagrados desta Igreja local, escolhidos para auxiliar o Bispo Diocesano no exercício da sua função, para o bem de toda a comunidade cristã. É um caminho de reflexão, avaliação, renovação, planejamento e programação, feito em conjunto, com a participação de todos. Os primeiros cristãos se designavam assim: os do Caminho (cf. At 19,9-23; 22,4-22).

A inspiração para a realização do Sínodo Diocesano em Santo André surgiu da identificação da madura caminhada pastoral desenvolvida pela Igreja local. Esta caminhada é identificada pelas Assembleias Diocesanas de Pastoral e pelos 7 Planos Diocesanos de Pastoral, realizados anteriormente. As Visitas Pastorais Missionárias realizadas ao longo de 2016 e a instalação da 100ª Paróquia também fomentaram a busca por um “programa de afirmação da fé, conversão e missão”. Nesse sentido, o Bispo Diocesano quer escutar a todos e convidá-los a um estado permanente de evangelização/missão, que corresponda aos desafios pastorais atuais contextualizados da Igreja no Grande ABC⁴.

O Sínodo, convocado e presidido pelo Bispo Diocesano, é o órgão de expressão da comunhão e participação da Igreja Católica Apostólica Romana na particularidade de Santo André. Ele traçará o caminho que esta Igreja percorrerá, pesquisando, avaliando e propondo caminhos que serão percorridos no território do Grande ABC⁵.

O Sínodo Diocesano tem por finalidade auxiliar o Bispo diocesano no governo pastoral e administrativo da comunidade diocesana (CDC 460). Todas as expressões de Igreja presentes no território diocesano são também convidadas a refletir sobre seus passos, propor e realizar uma conversão pastoral de seus trabalhos (DAp). O Sínodo Diocesano funciona como órgão máximo de Pastoral e Administração; seu documento pós-sinodal, assinado pelo presidente, possui força legal na Igreja Particular.

A Igreja particular de Santo André está imersa em uma realidade completamente urbana e, como tal, assim como várias outras igrejas de nosso tempo, está sendo desafiada a abrir seus

2 CIPOLLINI, Dom Pedro Carlos. Decreto de convocação do Sínodo Diocesano. Santo André, 13 de novembro de 2016.

3 SÍNODO DIOCESANO. “O sonho missionário de chegar a todos”. Guia de leitura 1. Santo André, 2017, p. 6.

4 CIPOLLINI, 2016.

5 Regimento do Sínodo Diocesano. Santo André, 2016-2017, p. 1.



espaços para a construção de uma proposta de pastoral que responda às múltiplas necessidades do ser humano que vive no contexto urbano, com todas suas múltiplas facetas. Nesse sentido, é pertinente tocar no lema do Sínodo Diocesano de Santo André: “Sonho missionário de chegar a todos”, um belíssimo lema tirado da Exortação apostólica do Papa Francisco (EG31).

Quando falamos em sonho missionário de chegar a todos, estamos pensando a Igreja, tal como é definida pelo Concílio Vaticano II, como Corpo de Cristo e Povo de Deus (cf. LG 7 e 9). O Povo de Deus não é apenas os bispos e padres, nem apenas os leigos. A Igreja inclui todos os fiéis: papa, bispos, padres, diáconos, religiosos, leigos. Na força do Espírito Santo, todos são vocacionados a caminharem juntos, no dinamismo do ser comunidade para a missão⁶. Uma missão que está fortemente marcada dentro da pluralidade das cidades, sendo desafiada a estender-se ao totalmente outro, (aqueles que dividem espaços conosco sem partilhar a mesma fé), que também é povo de Deus.

A Bíblia nos leva a reconhecer e a aceitar a pluralidade humana presente nas cidades. Nenhum projeto será verdadeiramente humano se não partir do fato da pluralidade. Daí surge a ideia da cidade Santa. “A Nova Jerusalém é a cidade de Deus, porque Deus aceita em seu seio a multiplicidade e só conhece unidade na reunião das diferenças”⁷.

A presença da Igreja no contexto urbano não é novidade; basta lembrarmos que a importante estratégia do apóstolo Paulo foi ir aonde o povo estava: nas grandes cidades de seu tempo, e especialmente ali, desenvolveu a maior parte da sua missão de criar comunidades de seguidores de Jesus Cristo, a partir do testemunho do seu próprio encontro com Ele⁸. Além disso, a nova Jerusalém, a cidade santa (cf. Ap 21,2-4), é a meta para onde peregrina toda a humanidade. É interessante que a Revelação nos diga que a plenitude da humanidade e da história se realiza numa “cidade”. (EG 71).

A diferença entre os primórdios cristãos e hoje está no fato de 52% da população mundial viver nas grandes cidades – no caso da América Latina esta porcentagem sobe para 80% – com um índice ainda em crescimento. Este ambiente é belo, complexo e desafiador. A atuação da Igreja precisa acompanhar esta realidade da cidade, considerar que muitas vezes ela própria age com critérios rurais herdados de um período anterior à explosão urbana atual⁹.

6 SÍNODO DIOCESANO. “O sonho missionário de chegar a todos”. Guia de leitura 1. Santo André, s.ed, 2017, p. 6.

7 COMBLIN, José. Teologia da cidade. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 106

8 SÍNODO DIOCESANO. “O Sonho missionário de chegar a todos”. Guia de leitura 2. Santo André, s. ed., 2017, p. 6.

9 Nesta reflexão aqui proposta consideraram-se:

a) Exortação Apostólica Evangelii Gaudium 71-75.

b) Congresso sobre a Pastoral nas Grandes Cidades - Madri 2014 (incluso o discurso do Papa Francisco para a ocasião).

c) Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos – Roma 2015 (incluso o discurso do Papa Francisco para a ocasião).

d) Reunião Ampliada SP2 de 2016 (reunião da Diocese de Santo André com as sete Dioceses vizinhas).

e) Livro Dios vive en la ciudad. Hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida y del proyecto misionero de Francisco – Carlos María Galli.



A Igreja Católica presente no Grande ABC, isto é, a Diocese de Santo André, com suas 100 paróquias e 264 comunidades, não é uma ilha; assim como nenhum católico o é, pois ele faz parte de uma comunidade. Ele é membro do Povo de Deus inserido em um contexto mais amplo, numa sociedade globalizada, com suas dificuldades e desafios, especialmente no anúncio do Evangelho. Um caminho possível para os discípulos missionários das grandes cidades, clérigos ou leigos, é a via do maior apoio mútuo, da partilha das reflexões pastorais e da unidade nas experiências eclesiais que se vive na diocese urbana¹⁰. A essa experiência de unidade damos o nome, no contexto eclesial, de “Pastoral de Conjunto”.

De fato, as diretrizes do primeiro Plano de Pastoral de Conjunto foram inspiradas pelos grandes Documentos do Concílio Vaticano II, dando origem às seis grandes “linhas” de trabalho da Igreja: 1) Unidade visível da Igreja Católica (*Lumen Gentium, Christus Dominus, Presbyterorum Ordinis, Optatam Totius, Perfectae Caritatis, Apostolicam Actuositatem*); 2) Ação Missionária (*Lumen Gentium, Ad Gentes*); 3) Ação Catequética, aprofundamento doutrinal, reflexão teológica (*Dei Verbum*); 4) Ação Litúrgica (*Sacrosanctum Concilium*); 5) Ação Ecumênica (*Unitatis Redintegratio*); 6) Ação da Igreja no mundo (*Gaudium et Spes, Dignitatis Humanae, Nostra Aetate, Gravissimum Educationis, Inter Mirifica*).

A vida na cidade é tentadora e cheia de nuances. A mentalidade vigente atinge a todos e a realidade urbana condiciona a vida das pessoas. Estamos muito próximos e, ao mesmo tempo, muito longe uns dos outros, seja nas residências, nos transportes ou no trabalho (p.ex. o aumento substancial do tempo gasto no transporte quotidianamente reduz o da vida para as pessoas). As novas mídias sociais são um exemplo claro de que podemos estar próximos fisicamente e longe com as preocupações e diálogos, longe da realidade em que pisamos. Como chegar ao homem de hoje com o anúncio do Evangelho que salva e liberta? É a floresta de cimento que acolhe em suas ruas uma legítima aspiração de realização pessoal e dignidade de vida. Aí o relacionamento humano torna-se muitas vezes impessoal, distante, e assim se torna também o relacionamento com o sobrenatural¹¹.

A sociedade em que vivemos afeta a (nossa) vida, na esfera pessoal, familiar, de trabalho e de fé (nossas opções pastorais são influenciadas pelo modo que vivemos). Estamos inseridos em ambientes maiores do que aqueles observáveis de imediato. Estamos localizados no Planeta Terra, no continente Americano, no território brasileiro, no Estado de São Paulo, no Grande ABC, em uma área de alta densidade demográfica. Somos 2,7 milhões de pessoas em um território de 825 km²¹². É justamente este espaço vital que influencia a fé das pessoas e o agir pastoral das comunidades. Quem nunca se questionou antes de marcar uma atividade se o espaço da comunidade seria suficiente para acolher bem as pessoas, se a reunião marcada não

¹⁰ SÍNODO DIOCESANO. Guia de leitura 2. p. 7.

¹¹ *Ibidem*.

¹² Dados obtidos em pesquisa realizada pela USCS, em novembro do ano de 2016, exclusivamente para a realização desse estudo, tendo como Coordenadores Gerais: Prof. Dr. Leandro Prearo, Mestre e Doutor em Métodos Quantitativos pela Universidade de São Paulo-USP; Profa. Dra. Maria do Carmo Romeiro, Mestre e Doutora em Marketing pela Universidade de São Paulo-USP; Prof. Dr. Marcos Sidnei Bassi, Doutor em Sociologia pela PUC-SP; Coordenação Técnica: Alessandra Riesi Justo, Economista e Analista Sênior de Pesquisas da USCS; Analistas de Pesquisa: Amanda Carolina Grillo Garcia e Tatiana Barreto Júlio; Supervisão de Campo: Jacy Dnéa Lacorte; Moderadores: Maria do Carmo Romeiro e Isabel Romeiro. A pesquisa quantitativa contou com a participação de 34 coletadores profissionais treinados pela USCS exclusivamente para a realização desse estudo.



seria prejudicada pelo trânsito local, se a chuva poderia provocar alagamentos nas proximidades, se encerrar uma Celebração em determinado horário não seria perigoso para os presentes retornarem a seus lares, se para realizar uma missão popular a abordagem não seria confundida com outras expressões religiosas... Enfim, quem vive a experiência de fé nas grandes cidades partilha de uma identidade cultural¹³.

Segundo a Irmã Agnese Costalunga¹⁴, tanto documentos como fatos nos demonstram que estamos vivendo o fenômeno de uma “mudança de época”, envolvendo culturas, costumes, pessoas, ideologias, religiões etc.. O Papa Francisco – que foi arcebispo de uma grande cidade, Buenos Aires (2,8 milhões de habitantes e 202 km²) e viveu essa experiência – enfrentou esse desafio e, hoje, tem colocado em suas reflexões tal problemática, incentivando a Igreja a fazer o mesmo. O desafio é evangelizar as cidades, que, com seus habitantes, vivem realidades dinâmicas: a casa, o trabalho, o lazer, os familiares em relação à distância que os separa e a necessidade de deslocamento; o tempo, o trânsito e os meios de transporte, e ainda, somado a isso, o vínculo e a participação religiosa.

É fato que a urbanização cresce cada vez mais e a tendência é que tenhamos ainda mais concentração do povo nos conglomerados urbanos, esvaziando a zona rural. Esta, mesmo com menos pessoas ali residindo, tem a influência da grande cidade, que chega até eles com seus meios de comunicação, educação e transporte. Nesse ambiente urbano, os desafios para a evangelização são muitos: as habitações com os prédios, com muitos apartamentos; os aglomerados nas periferias; os condomínios, com suas leis e exigências; e as típicas favelas urbanas.

Tendo em vista todas estas dificuldades, convém que nos apeguemos um pouco mais ao lema do Sínodo “Sonho missionário de chegar a todos”. Na Bíblia, o sonho é uma maneira de Deus se comunicar (sonho de Jacó Gn 28,10-22 ; sonho dos magos Mt 2,12 ; sonho de José Mt 2,13). Mas o sonho é também expressão de um desejo muito significativo que temos na vida. Sonhar, assim, não é algo romântico ou ilusório, é desejar algo ardentemente, ou desejar que se realize um objetivo. O que faz um povo é ser uma comunidade de destino. Isto quer dizer que a Igreja povo de Deus tem um destino a realizar. A Igreja surge para realizar um destino: servir ao Reino de Deus e unir as pessoas a Deus, realizando a comunhão de todos com Deus e de todos entre si. Ser comunidade de destino é ter esperança de que um dia se realizarão as promessas de Deus para nós e “Cristo será tudo em todos” (Cl 3,11). Nosso sonho nos faz olhar para o horizonte escatológico, portanto. Nos faz olhar para o fim da história quando haverá “novos céus e nova terra” (Ap 21,1), com os quais “sonhamos” na fé. Tudo o que temos falado e apontado acima, nos leva a afirmar que, (dentro de uma visão antropomórfica) o sonho de chegar a todos, inicialmente é o sonho do próprio Deus de resgatar a humanidade, seus filhos decaídos no pecado. A missão da Igreja é participar da ação de Deus no seu propósito de salvar o mundo: “o sonho de Deus”, realizado através da encarnação de seu filho, Jesus Cristo.

A palavra "encarnação" tornou-se comum no nosso vocabulário teológico ocidental e seu sentido imediato é aceito por todos: Jesus, Filho de Deus, se fez homem. A palavra

¹³ SÍNODO DIOCESANO. Guia de leitura 2. p. 8.

¹⁴ LABONTÉ, Guy/ANDRADE, Joaquim. *Caminhos para a missão fazendo missiologia contextual*. Brasília: Gráfica e Editos, 2008.



“encarnação”, deriva das afirmações de São João: "O Verbo se fez carne" (Jo 1,14) e de São Paulo: "Deus enviando seu próprio Filho na semelhança da carne de pecado" (Rm 8,3). É Deus, o Pai, que envia a fonte de toda a missão. DEle jorra a graça e a esperança, no gesto de caridade assumido pelo Cristo e pelo Espírito. Estes assumem até o fim, a missão dada pelo Pai.

É notório que no AT não se encontra o termo “missão”, mas a ideia está expressa claramente no verbo “enviar/mandar”. O verbo - שלח - *shalah* ocorre 847 vezes e geralmente exprime o fato de “enviar/mandar” um objeto ou uma pessoa para alcançar um determinado objetivo, para cumprir uma determinada tarefa ou para cumprir uma ordem.

Sem entrar numa análise detalhada do termo, para a nossa finalidade podemos levar em consideração alguns aspectos.

1. Há um certo número de ocorrências (cerca de 40) em que o verbo indica o envio de presentes ou mercadorias (Gn 32,19: presente; 38,17.20.23; Jz 3,15: tributo; 1Sm 16,20: *Jessé tomou 5 pães, um odre de vinho, um cabrito e mandou seu filho Davi levar tudo a Saul*; 1Rs 15,19; Is 16,1; etc); lançar flechas (2Sm 22,15 = Sl 18,15; Sl 144,6); o envio das pragas da parte de Deus (Ex 9,19; 23,28) ou de benefícios (Jl 2,19; Sl 20,3; 43,3; etc). Na maioria das vezes o verbo hebraico indica o “envio de alguém” com uma função definida: mensageiro (Gn 24,7.40; 32,4; 37,13.14; etc); enviar ‘Palavras’ (Prov 26,6); uma carta (2Sm 11,14; 2Rs 5,5) no sentido de enviar uma mensagem.

2. Chama a atenção o fato de que mais ou menos a quarta parte dos textos tem Deus por sujeito, neste caso o verbo tem o significado de “enviar/mandar alguém”. Alguns exemplos são significativos.

Deus manda alguém com a função de proteger: o anjo (Ex 23,20; 33,2; Nm 20,16; etc); pessoas que não têm necessariamente a função de mensageiros: envia o povo pelo caminho (1Rs 8,44; 2Cron 6,34); José como instrumento da providência (Gn 45,5.7; Sl 105,17); Gedeão como salvador (Jz 6,14) e outros juízes (1Sm 12,11); Saul o futuro rei libertador dos filisteus (1Sm 9,16); um salvador e defensor (Is 19,20) e enfim, “pescadores e caçadores” com a tarefa de perseguir os pecadores dispersos (Jr 16,16). Significativo e importante é o “envio” dos profetas, os mensageiros de Deus. Antes de tudo emerge a figura de Moisés (Ex 3,14-15; 4,13.28; 5,22; Nm 16,28-29; Dt 34,11; Js 24,5; 1Sm 12,8; Mi 6,4; Sl 105,26). Enfim, é preciso lembrar também aqueles textos que apresentam Deus que envia o “espírito” (Jz 9,23= espírito mau; Sl 104,30) a sua “instrução” (2Rs 17,13 = Torah) e a sua “palavra” (Is 9,7; 55,11; Zac 7,12; Sl 107,20; 147,15.18). Assim, podemos afirmar que, Deus, o Pai, envia seu filho ao mundo para realizar uma missão, que é o sonho do Pai, “chegar a todos”, e esta missão, após iniciada pelo filho é transmitida a Igreja.

A Igreja é missionária por sua natureza. Ele se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo que procedem do Pai. Esta dimensão da fé cristã não é um elemento opcional: "o cristianismo é missionário por sua própria natureza, ou nega sua própria razão de ser" ¹⁵.

A Igreja tem a missão de ser sal da terra e luz do mundo. Sal para preservar da corrupção e preservar a vida; luz para mostrar o caminho para Deus, o único capaz de fazer a pessoa

¹⁵ BOSCH, David J. Missão Transformadora. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002, p. 26



plenamente feliz! Estamos em uma virada crucial da história, em mudança de época (cf. DAp), e a Igreja deve sentir com mais urgência a necessidade de cumprir sua vocação missionária, ser uma “Igreja em saída”. Devemos considerar que os leigos são parte viva e determinante na missão da Igreja.

A identidade eclesial dos leigos é garantida pelo batismo. Eis aí o ponto primário que une os leigos a todos os fiéis, garantindo a eles e a todos a mesma dignidade, o que também os habilita à missão e os distingue em vocação, naquilo que é específico no seu modo de ser e de manifestar/vivenciar a sua fé. O batismo oferece a todos um novo modo de existir: “o existir cristão”¹⁶. Este sacramento – fundante e único para a vida cristã – confere a eles e a todo o povo de Deus a marca do ser cristão e incorpora todos os fiéis a Cristo, despertando, em graça, a vocação e a missão de cada um. Afirmamos: 1) pelo batismo todos são unidos a Cristo; 2) pelo batismo, todos são chamados à missão; 3) pelo batismo todos são Igreja; e, por essa razão, oferecem ao mundo um testemunho autêntico do que e em quem creem, e por aquilo e por aquele em quem creem estão dispostos a servir o mundo, a fim de transformá-lo na ótica do Reino de Deus, fazendo da vida concreta um verdadeiro caminho de santidade e de encontro com Deus. Temos aí o fundamento de toda a eclesiologia que queira tratar sobre os leigos, sua vocação e sua missão.

O batizado – seja qual for o carisma recebido e o ministério exercitado – é, sobretudo, o *homo christianus*, aquele que, mediante o batismo, foi incorporado a Cristo (cristão, de Cristo), ungido pelo Espírito (Cristo, de *chrís* = ungido), por isso constituído povo de Deus. Isso significa que todos os batizados são Igreja, partícipes das riquezas e das responsabilidades que a consagração batismal implica. Todos são inequivocamente chamados a se oferecer como “hóstia viva, santa e agradável a Deus (cf. Rm 12,1). Por toda parte deem testemunho de Cristo. E aos que pedirem deem as razões da sua esperança da vida eterna (cf. 1Pd 3,15)” (LG 10).¹⁷

Podemos afirmar que com o batismo nada falta à vida do cristão, pois através dele o fiel se envolve e é envolvido pelo mistério de Cristo, sendo com ele e a partir dele nova criatura (cf. 2Cor 5,17). Coloca-se no caminho e na prática do seu Reino, vivendo, em esperança, a antecipação do Reino que é chamado a construir enquanto Igreja, pois também a ele, pela sua condição e posição na Igreja e no mundo, é destinado o convite do Senhor: “Ide, também vós para a minha vinha” (Mt 20,4). Esse chamado se tornou mais forte com o Concílio Vaticano II, que valorizou a essência desta vocação e abriu perspectivas novas, mais coerentes com o próprio Evangelho inaugurado por Cristo, firmando que esse chamado e esse envio foram e são realizados pelo próprio Cristo (AA 33). Isso foi confirmado pelo papa João Paulo II, na Exortação *Christifideles Laici*, ao afirmar que estes leigos – fiéis leigos – são chamados para trabalhar na vinha do Senhor, que é todo o mundo, e ali oferecem a sua vida e o seu testemunho, o que obriga toda a Igreja e suas estruturas à valorização e tomada de consciência desta importante vocação¹⁸. Sendo, pois, o batismo a experiência fundante, vai acontecer que na sequência da vida cristã surgirão a vivência eclesial e a comunidade, a prática cotidiana, o serviço ao mundo, o exercício da solidariedade e os demais sacramentos, que juntamente com

¹⁶ BINGEMER, M. C. L. *Identidade crística: sobre a identidade, a vocação e a missão dos leigos*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 32.

¹⁷ FORTE, B. *A Igreja: ícone da Trindade*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 31.

¹⁸ JOÃO PAULO II. *Christifideles Laici*. São Paulo: Paulinas, 1989, n. 1-2.



outras realidades servirão de alimento e de busca daquilo que se fortalece na fé e na esperança.

Pelo batismo, os leigos estão inseridos na missão de toda a Igreja (internamente e externamente), pois eles passam a *ser* e a *ter* parte com ela; e mesmo num espírito de comunhão com todos os demais batizados, vivem a fé de maneira autônoma e livre, com um jeito único e próprio de ser e de se fazer enquanto Igreja¹⁹. Os leigos são aqueles e aquelas que estão em maior número dentro do corpo eclesial e que, por isso, devem ser valorizados no que compete e compromete a sua vocação e a sua missão, sem prejuízo de ninguém, mas em vista da comunhão de toda a Igreja que caminha em missão no horizonte do Reino de Deus; missão a que *todos* os cristãos são chamados – como *ekklesia* (Igreja) – a colaborar, cada qual a seu modo e naquilo que lhe é específico. Estes cristãos, tradicionalmente denominados de leigos, possuem uma dignidade conferida por Cristo e não podem mais ser tratados como *o povo conquistado*, como objetos de evangelização, ou como alguém que sempre recebe e que apenas ouve, que aceita tudo de maneira passiva, sem entender, e que não questiona, criticamente, a sua situação e a sua fé. Estes leigos, que são parte constitutiva e importante do corpo eclesial, querem contribuir à sua maneira e em comunhão para a construção do Reino de Deus, missão que lhes é de direito, pois faz parte da vocação a que foram chamados. Contudo, conforme já apontamos, não se pode negar que a palavra *leigo*, em si mesma, tem uma carga negativa, adquirida historicamente, também no seio eclesial²⁰, o que faz passar para esses fiéis um pouco desta intenção negativa, deixando pequena e sem valor a sua posição. Por muito tempo, se definiu o leigo pela sua negatividade, por aquilo que ele não era: não clérigo ou alguém sem votos religiosos. Esta intenção ainda era mais grave, pois tirava desses fiéis a prática ativa do exercício da fé, limitando-os a apenas ouvir e receber. Quando tinha uma ação, essa era a partir de um ordenado, restando ao leigo um serviço de colaboração, sem autonomia. A história da Igreja nos mostra os avanços e retrocessos desta vocação, bem como as percepções, interpretações e novos e/ou velhos entendimentos²¹.

A missão da Igreja Particular de Santo André, em seu Sínodo Diocesano, é chegar a todos. Para que isso se concretize, é primordial que toda a Igreja (leigos, clérigos, religiosos, toda a Igreja ministerial) assuma esta missão. Jesus disse: “Eu vim para que todos tenham vida...” (Jo 10,10). A Igreja continuadora da missão de Jesus deseja chegar a todos. Com a “revolução da ternura” (EG 95), ternura do Evangelho, a Igreja deseja anunciar a todos a alegria da Salvação. Para que isso aconteça é preciso ser uma “Igreja em saída”, uma “casa aberta e acolhedora”, um “hospital de campanha”. Todas estas são imagens que o Papa Francisco usa para nos convidar a “Sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias” (EG 20). O Papa também lembra que a saída para chegar a todos exige “prudência e audácia, coragem e ousadia” (EG 47, 33, 85). Estas exigências se fazem por conta do ambiente urbano em que a diocese está inserida, onde tanto os destinatários, como os agentes da missão se deparam com situações de violência, medo e solidão²².

¹⁹ KUZMA, C. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 85.

²⁰ CONGAR, Y. *Os leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*. São Paulo: Herder, 1966, p.14-41.

²¹ Cf. ALMEIDA, A. J. *Leigos em quê? Uma abordagem histórica*. São Paulo: Paulinas, 2006, p.19.

²² SÍNODO DIOCESANO. Guia de leitura 2. p. 8.



Uma imagem simbólica, que ajuda a compreender como essas situações geraram algumas mudanças na realidade do ambiente urbano ao longo dos séculos, é a forma de construção dos muros. Na Idade Média, os muros eram construídos ao redor das cidades; o conglomerado de casas era protegido por um só muro. Hoje os muros são construídos ao redor de cada casa, de cada prédio, no máximo de cada condomínio. Assim, enquanto na cidade medieval todos eram protegidos por um único muro e experimentava-se a sensação de segurança coletiva, de vida em comunidade, hoje cada um quer individualmente proteger-se mais e mais com altos e intransponíveis muros. O simbolismo desta imagem faz-nos pensar no excessivo aumento do individualismo, do egoísmo, da experiência de solidão em nossas grandes cidades.

Julio Zabatiello²³ afirma que: em seu ministério, Jesus caminhou por todo o seu país, indo a todas as cidades e aldeias. Em todos os lugares, Jesus ensinava o Evangelho do Reino de Deus e curava as pessoas (Mt 9.35). A motivação de Jesus para esse trabalho árduo era a sua compaixão (v. 36). Jesus se compadece das pessoas porque estão “sem pastor”, ou seja, estão sem direção espiritual, sem liderança adequada para chegar até Deus. No contexto de Jesus, os pastores do povo judeu deveriam ser seus mestres da Lei, seus sacerdotes e escribas, mas os próprios mestres não conheciam o caminho do Senhor. Em nosso contexto, muitas pessoas e religiões proclamam-se "pastores", mas não conhecem o caminho de Deus; é necessário, portanto, compaixão pelas pessoas sem Cristo, pois estão sendo enganadas e desviadas, em busca constante de salvação e vida eterna.

Na realidade urbana, notamos grandes massas que se formam, fazendo as pessoas perderem sua identidade, os valores humanos e, conseqüentemente, sua cidadania. Por isso, no processo de evangelização, é preciso confiar na ação do Espírito Santo e aplicar modos diferenciados, contando também com o apoio das ciências humanas. O humano assume então a mediação da ação de Deus na história e a presença profética nessa realidade faz-se oportuna para levantar a voz em relação aos valores e princípios do Reino de Deus. Os documentos sinodais afirmam que é urgente que a sociedade se converta em civilização do amor, vivenciando a paz e sendo portadora da esperança.

Nos é apresentado no Guia de leitura 2 do Sínodo Diocesano o seguinte: não podemos ignorar que, nas cidades, facilmente se desenvolve o tráfico de drogas e de pessoas, o abuso e a exploração de menores, o abandono de idosos e doentes, várias formas de corrupção e crime. Ao mesmo tempo, o que poderia ser um precioso espaço de encontro e solidariedade, transforma-se muitas vezes, num lugar de retraimento e desconfiança mútua. As casas e os bairros, com seus muros, como foi recordado mais acima, são construídos mais para isolar e proteger do que para unir e integrar. A proclamação do Evangelho é e será uma base para restabelecer a dignidade da vida humana nestes contextos, porque Jesus quer derramar nas cidades vida em abundância (cf. Jo 10,10).

O sentido unitário e completo da vida humana proposto pelo Evangelho é o melhor remédio para os males urbanos, embora devamos reparar que um programa e um estilo uniformes e rígidos de evangelização não são adequados para esta realidade. Mas, viver a fundo a realidade humana e se inserir no coração dos desafios como fermento de testemunho, em qualquer cultura, em qualquer cidade, melhora o cristão e fecunda a cidade (cf. EG 75).

²³ ZABATIELLO, Júlio Paulo. A Semente: O plano de Deus para a Igreja. Pendão Real, 2000, p. 24-25.



Diante da sociedade marcada pelos valores do descartável, que tem alcançado os mais diversos setores da sociedade contemporânea, com suas diversas crises, como pode a Igreja encontrar seu espaço para atuar profeticamente? Como pode ser uma instituição privada para agir publicamente?

Uma das tarefas essenciais da Igreja, entendida não apenas como corpo institucional ou hierárquico, mas como Povo de Deus em marcha (cf. *Evangelii Gaudium*, 111), é evangelizar. Nesta ação encontra a sua felicidade e identidade (*Evangelii Nuntiandi*, 14). Evangelizar é fundamentalmente comunicar a Boa Nova do Evangelho com obras e palavras. Este encargo é dado a ela, como um imperativo de Jesus e nele se fundamenta: “Ide e pregai o Evangelho ...” (Mc 16,15). Portanto, não surge como estratégia ou como meio para justificar sua existência, mas justamente o contrário, vive para evangelizar, esta é sua missão fundamental sem a qual todas as outras ações pastorais perdem seu horizonte e força. É verdade que esta missão tem sido muitas vezes confundida e limitada à doutrinação, reduzindo assim o conteúdo tão rico e profundo da ação evangelizadora.

Portanto, na ação evangelizadora, em vez de transmitir doutrinas ou verdades, trata-se de anunciar, transmitir com fatos e palavras a confissão de fé na pessoa de Jesus de Nazaré, sempre unido ao projeto do Reino. Assim, pode-se entender que as práticas eclesiais voltadas para muitos horizontes e ambientes, realizados em diferentes contextos, devem ser ações ou práticas essencialmente evangelizadoras, que dão sentido e direção à sua identidade e missão.

O sujeito da evangelização é a comunidade dos crentes, povo de Deus constituído por todas e todos os batizados. É um sujeito coletivo, que exprime a responsabilidade de todos, com diferentes ofícios e encargos (cf. Ad gentes AG 5, 11-12). Isto requer que a Igreja, à qual pertencemos, se posicione não apenas como mestra, mas também como discípula. Nesse sentido, podemos dizer que todo cristão ou cristã é, ao mesmo tempo, evangelizador(a) e evangelizado(a). Lembre-se o caso emblemático da conversão de Cornélio, em meio a qual Pedro, o evangelizador, também é convertido e evangelizado (cf. At. 10, 34-43). Aqui o evangelista entra em diálogo com o evangelizado, põe em jogo e em consideração sua própria compreensão da fé. O anúncio e o diálogo são dois elementos constitutivos da ação evangelizadora que, quando se articulam em uma atitude aberta, dão muito fruto (cf. DAp, 237). Antes da conversão é necessária a conversação (cf. EG, 127).

Esta relação dialógica ou confrontação séria entre evangelizando e evangelizador permite, como interlocutores, tomar uma atitude de mais humildade e vulnerabilidade, algo ao qual a Igreja está pouco acostumada. Esta atitude permite entrar e respeitar o mundo e a cosmovisão do evangelizado, porque se não, como se pode esperar que quem o escuta esteja disposto a mudar a sua vida e pensamento se ele, o evangelizador, não está disposto a submeter-se à idêntica disciplina?

Isto é justamente o interessante e rico do processo evangelizador: quem evangeliza arrisca sua fé no desempenho das suas funções. Pois, se isso não acontecer, quando se evangeliza a partir de uma posição fixa e inabalável, fechando-se a outras propostas ou análises críticas, corre-se o risco de se tornar não mais evangelizador senão propagandista de uma marca ou um produto. “Neste processo de evangelização não existe evangelizador e evangelizado, como



duas facções dentro da Igreja; uns e outros se evangelizam mutuamente, construindo assim uma Igreja como Comunidade fraterna, toda ela ministerial, servidora e missionária”²⁴.

CONCLUSÃO

Desejo aqui terminar este artigo, (não com uma conclusão, pois como já elencamos, não existe uma fórmula universal para a missão, mas caminhos a serem criados e experimentados por cada diferente Igreja particular), com palavras de incentivo a todos que assumem a postura de discípulos missionários na Diocese de Santo André. Estou certo de que não poderia me valer de palavras mais sábias do que as poematizadas por Dom Hélder Câmara:

Missão é partir, caminhar, deixar tudo, sair de si, quebrar a crosta do egoísmo que nos fecha no nosso eu. É parar de dar volta ao redor de nós mesmos, como se fôssemos o centro do mundo e da vida. É não se deixar bloquear pelos problemas do pequeno mundo a que pertencemos; a humanidade é maior. Missão é sempre partir, mas não devorar quilômetros. É abrir-se aos outros como irmãos, descobri-los e encontrá-los. E se para encontrá-los e amá-los é preciso atravessar os mares e voar lá nos céus, então, missão é partir até os confins do mundo. (Dom Helder Camara)²⁵

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, ao falar sobre sua visão de Igreja nos diz: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças...” (EG, 49).

O Sínodo Diocesano de Santo André já é uma vitória por ter nascido do fruto de um sonho, o sonho missionário de chegar a todos. Isto, “chegar a todos” indica sair em missão, sonho de Francisco. Cabe a cada um continuar transformando esse sonho em realidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, A. J. *Leigos em quê?* Uma abordagem histórica. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BINGEMER, M. C. L. *Identidade crística: sobre a identidade, a vocação e a missão dos leigos*. São Paulo: Loyola, 1998.
- BOFF, Leonardo. *Nueva Evangelización: perspectiva de los oprimidos*. México: Palabra, 1991.
- BOSCH, David J. *Missão Transformadora*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.
- CIPOLLINI, Dom Pedro Carlos. *Decreto de convocação do Sínodo Diocesano*. Santo André: 2016.
- COMBLIN, José. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- CONGAR, Y. *Os leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*. São Paulo: Herder, 1966.
- Evangelii Gaudium*, Exortação Apostólica do Papa Francisco sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, 24 de novembro de 2013.
- FORTE, B. *A Igreja: ícone da Trindade*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- JOÃO PAULO II. *Christifideles Laici*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- KUZMA, C. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009.

²⁴ BOFF, Leonardo. *Nueva Evangelización: perspectiva de los oprimidos*. México: Palabra, 1991. 77.

²⁵ Do livro “Nossa Senhora no meu caminho”, D. Helder Câmara, Ed. Paulus, 2005.



LABONTÉ, Guy/ANDRADE, Joaquim. Caminhos para a missão fazendo missiologia contextual. Gráfica e Editos, Brasília, 2008.

Regimento do Sínodo Diocesano. Santo André, 2016-2017.

SÍNODO DIOCESANO. “O sonho missionário de chegar a todos”. Guia de leitura 1. Santo André, 2017.

SÍNODO DIOCESANO. “O Sonho missionário de chegar a todos”. Guia de leitura 2. Santo André, 2017.

ZABATIERO, Júlio Paulo. A Semente: O plano de Deus para a Igreja. Pendão Real, 2000.

Outros:

Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos – Roma 2015 (incluso o discurso do Papa Francisco para a ocasião).

Congresso sobre a Pastoral nas Grandes Cidades - Madri 2014 (incluso o discurso do Papa Francisco para a ocasião).

Dios vive en la ciudad. Hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida y del proyecto misionero de Francisco – Carlos María Galli.

Reunião Ampliada SP2 de 2016 (reunião da Diocese de Santo André com as sete Dioceses vizinhas).

Recebido em: 20/12/2017

Aprovado em: 12/06/2018